

*Revista Cognition*, v.5, n.2, dez. 2023, p. 106 – 137.  
doi: 10.53546/2674-5593.cog.2023.90



## **O PAPEL DO PEDAGOGO NA COMPREENSÃO E ACOMPANHAMENTO DO PROCESSO DE LUTO: REFLEXÕES SOBRE A ABORDAGEM DA MORTE NO CONTEXTO PROFISSIONAL**

THE ROLE OF THE PEDAGOGIST IN UNDERSTANDING AND  
FOLLOWING THE GRIEF PROCESS: REFLECTIONS ON THE APPROACH  
TO DEATH IN THE PROFESSIONAL CONTEXT

**Cíntia Anastácio Gomes<sup>1</sup>**  
**Gisele Texdorf Martins<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

A presente pesquisa busca refletir sobre a importância da inclusão da educação para a morte na vida de alunos e dos pedagogos no contexto educacional. Nesse sentido, o objetivo principal compreende ressaltar a importância de abordar a temática do luto de maneira sensível e eficaz no ensino fundamental e na licenciatura de pedagogia. Para esta pesquisa, utilizou-se uma revisão bibliográfica e uma pesquisa de opinião. Obteve-se como resultado a compreensão de que o tema é um assunto evitado nas escolas devido ao tabu cultural e ao despreparo dos professores. Logo, o resultado do estudo e da pesquisa enfatiza que o despreparo dos professores é resultado da ausência de orientações durante a formação em pedagogia. Contudo, através da nuvem de palavras, foi possível observar que os acadêmicos consideram o tema necessário, importante e reconhecem sua

<sup>1</sup>Discente do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Fidelis. cinthiaanastaciogomes@gmail.com

<sup>2</sup>Psicóloga, Pedagoga, Tanatóloga e Paliativista. Docente do curso de Licenciatura em Pedagogia e Bacharelado em Psicologia da Faculdade Fidelis. gtmpsico@gmail.com

relevância, pois apontam que essa abordagem envolve diálogo, apoio, suporte emocional, acolhimento e educação para a vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Morte. Formação de Pedagogo. Elaboração do luto.

## **ABSTRACT**

This research seeks to reflect on the importance of including death education in the lives of students and pedagogues in the educational context. In this sense, the main objective involves highlighting the importance of addressing the issue of mourning in a sensitive and effective way in elementary education and in pedagogy degrees. For this research, a bibliographic review and an opinion survey were used. The result was the understanding that the topic is a subject avoided in schools due to the cultural taboo and the unpreparedness of teachers. Therefore, the results of the study and research emphasize that the unpreparedness of teachers is the result of the lack of guidance during training in pedagogy. However, through the word cloud, it was possible to observe that academics consider the topic necessary, important and recognize its relevance, as they point out that this approach involves dialogue, support, emotional support, welcoming and education for life.

**KEYWORDS:** Death. Pedagogue Training. Elaboration of Mourning.

## **INTRODUÇÃO**

A morte é uma experiência da qual todas as pessoas irão vivenciar. O luto, por sua vez, é o momento em que demonstramos nossos sentimentos após vivenciarmos essa experiência pela perda significativa de alguém. De acordo com Franco (s/d), esse processo desencadeia uma infinidade de emoções na vida das pessoas enlutadas, e, apesar das dores e das mudanças causadas, a inevitabilidade da morte levam as pessoas a vivenciarem o luto como uma experiência universal e transformadora, levando-as a refletirem sobre os aspectos da vida e da morte.

Os autores Lima e Kovács (2011), e Kappel (2013), enfatizam que, ao considerar os tabus ocidentais em relação a morte, conversar sobre a temática do luto entre os adultos passou a ser algo difícil. Desse modo, falar com as crianças sobre os elementos que envolvam esse tópico gera nos pais preocupação, pois estes temem a reação dos filhos diante da abordagem do assunto. Segundo os autores mencionados, na tentativa de protegê-las dos impactos emocionais gerados pela perda, os responsáveis silenciam-se diante do ocorrido ou utilizam histórias fantasiosas, como “está dormindo”, “virou estrelinha”, “foi viajar”. Portanto, ao utilizar essas metáforas, os pais tiram das crianças a oportunidade de lidar e entender a realidade do tema, pois, ao ouvir essas justificativas, as crianças ficam esperando, acreditando que aquele que foi viajar voltará e que aquele que está dormindo uma hora irá acordar

À medida que vão crescendo, as crianças vão adquirindo conhecimentos e experiências de vida. Dependendo da idade que possuem, é importante que se sintam envolvidas nos assuntos da família, mesmo que estes sejam relacionados às perdas por morte.

Segundo as autoras Soares e Mautoni (2013), torna-se fundamental que os responsáveis pelas explicações adequem a linguagem a ser utilizada ao nível de compreensão que as crianças possuem, utilizando assim, uma abordagem simples e sincera. As autoras ainda mencionam que, no contexto educacional, os professores enfrentam desafios em abordar a temática com os alunos. Em complemento a esse argumento, Paiva (2011), aponta que esses desafios incluem a falta de preparo para iniciar a abordagem. Por isso, entende-se que o tema passa a ser um assunto negligenciado ou evitado dentro das nossas escolas.

Para enfrentar os medos, é preciso falar sobre eles, e a escola, como um ambiente educativo, é o espaço que poderá criar essas situações. É crucial que estes assuntos sejam debatidos com os alunos, seja por meio da leitura, rodas de conversas, debates, palestras, entre outros. Incluir o assunto no ambiente educacional demonstra preocupação por parte dos profissionais para com os alunos enlutados, gerando neles a conscientização e o conhecimento. Contudo, a abordagem da temática tende proporcionar nas crianças reflexões sobre a compreensão da vida, das perdas e dos relacionamentos saudáveis.

Considerando esses aspectos, justifica-se a necessidade de pesquisas sobre o tema. Este artigo tem como objetivo ressaltar a importância de trabalhar a temática de maneira sensível e eficaz nas escolas, bem como destacar a relevância da inclusão desse tema na formação inicial de professores. Para este artigo, foi realizada uma pesquisa de opinião com os alunos do curso de pedagogia e, por meio dos resultados, procuramos observar se a temática do luto está presente dentro das salas de aula e se os alunos consideram importante trabalhar o assunto durante a formação de professores. Segundo Paiva (2011), a abordagem do luto na escola é um assunto de extrema relevância, pois ele atinge a vida de muitas crianças. Diante disso, a presente pesquisa busca responder à seguinte problemática: por que trabalhar o luto na formação docente? Ao analisar o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) do curso de pedagogia, constatou-se uma lacuna importante: foi possível observar a ausência de uma disciplina específica e a falta de inclusão do tema no currículo. A ausência dessas informações e conhecimentos podem levar os educadores a aplicarem abordagens inadequadas do assunto ou até mesmo evitar o tema nas escolas. E, para atender as crianças enlutadas, os educadores devem ter recebido orientações e estar preparados para oferecer

apoio e compreensão. Contudo, ao abordar a temática da morte e do luto na formação acadêmica, os educadores terão conhecimentos sobre o tema, e, em sua prática cotidiana, poderão contribuir significativamente, pois poderão transformar o ambiente escolar em um espaço mais empático, acolhedor e compreensivo com as crianças que enfrentam perdas significativas.

De maneira mais específica, buscou-se descrever a concepção da morte na perspectiva do adulto e da criança, entender o conceito do luto e como as crianças vivenciam esse processo durante a infância, refletir sobre a importância da inclusão do tema no ambiente escolar e na formação de professores, e propor estratégias que ajudem os professores a abordarem a temática da morte e do luto na escola.

Esta pesquisa está estruturada em três capítulos. O primeiro relata um breve histórico sobre a morte e suas transformações históricas e conceituais. Este capítulo descreve a morte e o processo de morrer na concepção do homem e o conceito de morte na visão da criança. O segundo capítulo aborda o conceito de luto e o processo do luto na infância. E o capítulo três trata da abordagem do tema morte e do luto no contexto escolar e na formação do educador.

## **1 UM BREVE HISTÓRICO: A MORTE E SUAS TRANSFORMAÇÕES**

### **1.1 A MORTE E O PROCESSO DE MORRER NA CONCEPÇÃO DO HOMEM**

Antes de explorar a temática da morte e do luto no ambiente educacional, torna-se essencial descrever um histórico que proporcione uma base para a compreensão completa das transformações culturais que ocorreram ao longo dos anos sobre o tema. Portanto, para a descrição deste histórico, utilizou-se como referência Philippe Ariès (1977), Maria Júlia Kovács (1992), Kübler-Ross (1996), Paiva (2011), Torres (1999) e demais autores que serão abordados no decorrer deste capítulo.

Segundo Teixeira (2016), ao longo da história, a morte tem sido um tema de discussão e estudo por estudiosos de diversas áreas do conhecimento, tais como a História, Medicina, Psicologia, Tanatologia, entre outras áreas do conhecimento. Isso acontece porque o tema da morte desperta nas pessoas interesse, medo, culpa, e muitos outros sentimentos. A cultura desempenha um papel fundamental nos diversos comportamentos em relação à morte, pois ela influencia na maneira como as pessoas lidam com o tema, com as tradições, crenças, tabus, rituais e até mesmo com as emoções associadas a ele.

Kübler-Ross (1996) pontua, em sua obra, que a reflexão sobre a morte na sociedade é considerada um assunto delicado, e os diálogos a respeito do tema são considerados sombrios. Ainda pela mesma autora, o processo de morrer é algo muito triste, isso significa que, muitas vezes, as pessoas enfrentam a morte sem apoio emocional, tornando esse processo desumano e solitário.

A morte faz parte do desenvolvimento humano e, considerando o fato dela ser um acontecimento natural e biológico, surgirá em algum momento da vida nos ciclos de relacionamentos dos seres vivos (COMBINATO; QUEIROZ, 2006). Nesse sentido, entende-se que a percepção do ser humano em relação à morte e ao morrer sofre transformações conforme seu contexto histórico e cultural. Sabe-se que as sociedades e as culturas possuem crenças e práticas diferentes de lidar com a morte. Corroborando com este pensamento, Júnior reforça que

[...] é fundamental observar que a maneira como uma determinada sociedade se posiciona perante a morte e os seus mortos desempenha um papel decisivo na constituição e na manutenção de sua própria identidade coletiva, na medida em que essa integração da morte e da relação com ela constitui um dos elementos mais relevantes para a formação de uma tradição cultural comum (JÚNIOR, 2005, p.14).

Em outras palavras, pode-se refletir que as atitudes do homem em relação à aceitação da morte influenciam significativamente na construção cultural de uma sociedade. Segundo Kappel (2013), muitas culturas enxergavam os ritos como uma maneira de preparar o indivíduo para o fim da vida, conferindo assim um simbolismo profundo a esse processo. Desde então, a concepção de morte sempre esteve cercada de mistérios, crenças e rituais religiosos, como afirma a autora.

Dessa forma, Philippe Ariès (1977), em seu livro “História da Morte no Ocidente”, discorre em sobre a morte domada, a morte de si mesmo, a morte do outro e a morte interdita, descrevendo datas, conceitos históricos e as atitudes dos homens diante de tais mortes.

Esse contexto histórico teve seu início quando o autor, no texto sobre a morte domada, fez um comentário significativo para a época: “não se morre sem ter tido tempo de saber que se vai morrer” (ARIÈS, 1977, p. 31). Segundo o autor, a morte era considerada algo simples, e havia sinais ou indícios de que o fim se aproximava. Ao perceber esses sinais, era comum que a pessoa prestes a morrer, conhecida como moribunda, preparasse a sua própria cerimônia (ARIÈS, 1977).

Segundo os estudos de Ariès (1977), na época, ao notar a presença das pessoas, o moribundo dava início ao ritual de passagem, fazendo por meio deste uma breve despedida. Na sequência, ele pedia desculpas e perdão pelos atos praticados em vida. Ao cumprir tais desejos, dava continuidade à cerimônia, aguardando pela morte deitado em seu leito.

No século XVIII, durante a espera, Ariès (1977) relata que adultos e crianças tinham livre acesso ao quarto, o que tornava a cerimônia algo público. Para o moribundo, era essencial que em seu quarto tivessem presentes familiares, conhecidos e vizinhos. Na época, durante os ritos, não havia demonstração de sentimentos e emoções pela sua morte.

Ao relatar sobre a morte de si mesmo, Ariès (1977) argumenta que, ao longo de muitos séculos, a morte era considerada familiar, e essa familiaridade permitia que o homem a aceitasse com naturalidade. Por isso, na época, morrer repentinamente não significava algo bom, pois a pessoa que se encontrava doente deveria perceber os sinais ou pressentir os signos, como bem diziam. Então, quando acontecia uma morte súbita, significava que o moribundo tinha sido privado da sua própria morte.

Assim a morte familiar, ou a morte domada, como também era conhecida, a partir do século XIX passou a ganhar um novo sentido. Segundo Kovács (1992), neste novo século, a partir da percepção de um rompimento, as demonstrações de sofrimento, que antes não eram expostas, se tornaram frequentes, pois passaram a representar a morte do outro. Desde o século XII, o luto e as demonstrações intensas de sofrimento passaram a fazer parte dos ritos.

De acordo com Ariès (1977), como parte de um costume, o luto tinha seu início somente após a confirmação da morte e possuía duas funções: primeiramente, tinha o objetivo de incitar os familiares a externalizarem sentimentos de tristeza pela morte do moribundo e, depois, tinha a intenção de não permitir o excesso de dor, determinando aos enlutados uma vida social ativa para ajudar-lhes nesse processo.

Conforme os autores Ariès (1977) e Kovács (1992), a compreensão do ser humano em relação à morte passou a sofrer transformações entre a metade do século XIX e início do século XX. Nesse período, houve uma mudança de atitude do homem em relação à morte e ao morrer, e o tema passou a ser visto pela sociedade com outros olhares. A morte, que antigamente tinha como conceito a familiaridade com o homem, passou a ser considerada um fenômeno oculto e vergonhoso, tonando-se, segundo os autores, objeto de interdição.

Na atualidade, Kovács (1992, p. 38) afirma que “a morte não é mais considerada um fenômeno natural, e sim fracasso, impotência ou imperícia, por isso deve ser ocultada”. Nesta fala a autora conceitua que a vida na contemporaneidade passou a ser mais importante que a morte, e a principal preocupação da sociedade atual é não deixar que ela esteja em evidência. Deste modo, a

autora prossegue dizendo que a morte, que séculos atrás era esperada em casa junto aos familiares, passou a ocorrer nos hospitais, longe da presença deles.

Kovács (1992) relata em seus estudos que, à medida em que a ciência avança, os hospitais, através dos seus aparelhos tecnológicos, passaram a possibilitar o prolongamento da vida. A equipe médica, junto com os familiares, passou a ser o responsável por decidir o momento da morte do moribundo. A autora acrescenta que a morte súbita, que a sociedade mais temia nos séculos passados, passou a ser a morte mais desejada no século atual.

Devido ao medo que se desenvolveu em relação ao tema, os rituais se modificaram: o velório, que antes era realizado em casa, deixou de acontecer no ambiente familiar; os cortejos fúnebres da atualidade seguem um padrão acelerado, quase imperceptível; as cerimônias de sepultamento passaram ser realizada de maneira simples e rápida, como se buscassem esconder a cerimônia (MARANHÃO, 1998 apud GUANDALINI, 2010, p.24).

A autora Kübler-Ross (1996) reforça que a sociedade passou a temer e a negar a inevitabilidade da morte. E as famílias passaram a evitar que as crianças participassem dos cerimoniais, alegando estar protegendo-as das preocupações e agitações que cercam a perda. Como consequência de tais transformações, atualmente a morte passou a ser um assunto do qual as pessoas têm medo de abordar entre adultos e crianças.

Para Ariès (1977), o processo do luto tornou-se um assunto a ser evitado, e a comoção passou a ser aceitável somente em ambientes privados, de forma silenciosa e discreta, tornando a morte um tabu.

Complementando o pensamento de Ariès a respeito disso, Paiva diz que:

A morte, por ser desconhecida e considerada um tabu, suscita medos: medo de sentir dor, do sofrimento, da separação das pessoas queridas... Entretanto, o maior medo é o próprio medo. Por causa da falta de familiaridade com a ideia da morte, tenta-se fugir do medo dela. Mas, quanto mais se foge, mais o medo cresce. O medo da morte configura-se em uma angústia humana que tanto pode paralisar o indivíduo diante da vida como alavancá-lo em projetos de vida. Portanto, falar da morte é falar da vida. É a consciência da morte que traz sentido à vida (PAIVA, 2011, p. 48).

Nesse sentido, promover debates e reflexões sobre o assunto na sociedade torna-se fundamental. Abrir espaço para a aquisição de novos conhecimentos permite que a morte deixe de ser encarada como um tabu, permitindo a compreensão da realidade. Portanto, conforme

argumentado pela autora, entende-se que discutir sobre a morte é essencial, pois, segundo ela, a compreensão da morte é o que confere significado à vida.

Embora as pessoas sofram com as perdas ao longo dos seus ciclos de vida, é importante enfatizar que este breve histórico está longe de se esgotar. Para este trabalho, foi realizado um recorte que se concentra nas crianças do ensino fundamental e nos professores em ambiente escolar diante da morte e do processo de luto. Em seguida, abordaremos a maneira pela qual as crianças assimilam o conceito de morte, considerando as etapas do desenvolvimento cognitivo descritas por Jean Piaget, conforme discutidas por Torres (1999).

## **1.2 O conceito de morte na visão da criança**

Segundo Kovács (1992), o sentimento de morte se faz presente na vida das pessoas desde seu nascimento. Porém, pelo pouco tempo de vida que possuem, a autora afirma que os bebês não conseguem ter uma compreensão concreta de seu significado. No entanto, quando ainda pequenos, vivem essas experiências através da ausência do adulto, como destaca Kovács (p. 3, 1992).

Nos primeiros meses de vida a criança vive a ausência da mãe, sentindo que esta não é onipresente. Estas primeiras ausências são vividas como mortes, a criança se percebe só e desamparada. Efetivamente não é capaz de sobreviver sem a mãe. São, no entanto, breves momentos ou, às vezes, períodos mais longos, porém logo alguém aparece. Mas esta primeira impressão fica carimbada e marca uma das representações mais fortes de todos os tempos, que é a morte como ausência, perda e separação, e a consequente vivência de aniquilação e desamparo.

De acordo com as autoras Kovács (1992) e Paiva (2011), direta ou indiretamente, as crianças são expostas ao tema em diferentes lugares e através de diversas situações, seja por meio de desenhos animados, notícias na televisão ou experiências pessoais. As autoras argumentam que, através das mídias, as famílias se deparam com exposições escancaradas sobre a morte real e a morte simbólica. O que acaba resultando no silenciamento da fala dos pais diante do desconforto e do despreparo em abordar o tema com os filhos, ao ter que comunicar para eles sobre a morte de um ente querido.

Segundo Kübler-Ross (1996), por verem-se diante dessas dificuldades, e acreditando estar protegendo as crianças das emoções que cercam o tema, os adultos passaram a afastá-las das conversas relacionadas ao assunto. No entanto, Kovács (1992) enfatiza que, ao não fazer parte



desse momento e ao se sentirem excluídas dessas temáticas, as crianças se sentem sozinhas em um momento em que deveriam receber apoio e explicações verdadeiras.

Embora os pais possam tentar evitar que as crianças participem de eventos diretamente relacionado à morte, em algum momento da vida as crianças inevitavelmente serão expostas a essa realidade de diferentes maneiras. Com base nessa informação, Kübler- Ross (1996) afirma que

Mais cedo ou mais tarde, a criança se aperceberá de que mudou a situação familiar e, dependendo de sua idade e personalidade, sentirá um pesar irreparável, retendo este incidente como uma experiência pavorosa, misteriosa, muito traumática, com adultos que não merecem sua confiança e com quem não terá mais condição de se entender (KÜBLER-ROSS, 1996, p. 19).

Em contrapartida, à ausência de explicação e proteção diante da perda, a autora compreende que, ao se sentirem inclusas nas conversas que envolvam o tema da morte, as crianças se sentem acolhidas. Essa inclusão as ajuda a compreender os assuntos relacionados à morte ao longo do seu desenvolvimento.

Sobre isso, Bayly (1981) esclarece que as crianças podem vivenciar tais experiências quando perdem um ente querido, como, por exemplo, a avó, o tio, a tia, os primos ou até mesmo os próprios pais. Essa realidade a expõe também quando perdem um bichinho de estimação ou quando perdem alguém com quem tenham um convívio próximo, como professores, amigos e vizinhos.

Quando há a perda do pai ou da mãe, Gressler (2017) destaca sobre a importância do genitor sobrevivente ou do adulto próximo aproveitar esse momento de perda para acolhê-los afetivamente e explicar-lhes com uma linguagem mais simples o que aconteceu. Os autores Bayly (1981) e Gressler (2017) afirmam que essa temática deve ser explicada pelos responsáveis com naturalidade. Torna-se relevante que, no momento da conversa, os adultos ajam com responsabilidade e sensibilidade, e que estejam, acima de tudo, preparados para ajudar as crianças a entenderem e a lidarem com assuntos sobre a morte, quando estes surgirem em suas vidas.

Para melhor entendimento sobre a compreensão do tema feito pela criança, em seu livro, Paiva (2011), fundamentada em autores como Kovács (1992), Nunes et al. (1998), Prizskulnik, (1992), Riely (2003); Schonfeld (1996) e Velasquez-Cordero (1996), apresenta o conceito de morte através da definição da universalidade, não funcionalidade e irreversibilidade.

A universalidade tem a ver com a compreensão de que todos os seres vivos (plantas, bichos e pessoas), sem exceção, um dia, morrerão. Ou seja, a morte é um evento inevitável. A não funcionalidade caracteriza-se por compreender que, na morte, todas as funções vitais cessam: a pessoa não respira, não se mexe, não pensa, não sente absolutamente nada. No corpo, nada mais funciona. Já a irreversibilidade é a capacidade de perceber que quem morre, não volta mais (PAIVA, 2011, p. 34).

Após a compreensão dos conceitos em questão, as descrições dos resultados a seguir obteve como referência a autora Wilma Torres (1999), que, em seu estudo “O conceito de morte na criança”, buscou investigar a relação entre os períodos do desenvolvimento cognitivo de Piaget e a evolução do conceito de morte pelas crianças. Para adquirir tais resultados, o estudo investigou 183 crianças, e as faixas etárias descritas pela autora variam de acordo com a média de idade cronológica. A partir dessas respostas, a autora identificou três níveis e descreveu-os em seu trabalho como período pré-operacional, que foi de 5 a 7 anos, o período operacional concreto de 5 a 9 anos, e o período operacional formal de 6 e 11 anos.

No primeiro período, considerado como nível um, Torres (1999) descreve a criança com idade entre 5 e 7 anos como um indivíduo que entende o conceito de morte em partes. Ou seja, a criança identifica algumas diferenças, mas não compreende completamente o conceito. A diferença entre os seres que têm vida (seres animados) e os seres que não têm vida (seres inanimados) ainda não é perceptível nesse período. Entretanto, as crianças identificam os seres que podem morrer e os seres que não podem. Neste sentido, os indivíduos em fase pré-operacional não compreendem a morte como um fenômeno definitivo, e sim como algo que pode ser revertido.

No nível dois, Torres (1999) descreve que as crianças de 5 e 9 anos de idade estão em uma fase do desenvolvimento cognitivo conhecido como período operacional concreto. Neste período, os alunos conseguem diferenciar os seres animados dos inanimados. Mas, por estarem entrando em uma fase em que estão começando a entender os conceitos relacionados ao tema, elas não conseguem dar explicações exatas sobre as questões biológicas relacionadas a morte. No entanto, já são capazes de entender a diferença entre a vida e a morte, compreendendo assim a morte como algo irreversível e definitivo.

Por último, no nível três, o estudo relata que os indivíduos com 6 e 11 anos, que se encontram nessa fase, já compreendem a morte como um fenômeno natural, inevitável e que se aplica a todos os seres vivos. Dessa forma, entende-se que, no período das operações formais, as crianças são capazes de entender que a morte envolve a interrupção da vida corporal.

De acordo com as fases descritas por Torres (1999), o estudo reforça as teorias citadas anteriormente a respeito da necessidade de incluir as crianças nos assuntos relacionados ao tema. É importante que os adultos não somente respondam aos questionamentos a respeito da morte, como também os abordem com sensibilidade. Falar sobre o tema exige cuidado por parte dos adultos, e, embora as crianças não saibam explicar com clareza o que é a morte, elas desde muito pequenas já possuem uma representação sobre ela.

Com isso, em suas considerações, a autora enfatiza sobre a importância de, no momento da explicação, os adultos respeitarem as fases do desenvolvimento cognitivo que as crianças se encontram. Para garantir que as crianças compreendam o tema, “a explicação da morte deve ser feita em uma linguagem adequada ao nível cognitivo e linguístico da criança, por meio de conceitos concretos e expressões reais (naturalistas e fisiológicas)” (FLORES, 2019, p. 12).

Contudo, Kappel (2013) ressalta que os responsáveis pela conversa evitem utilizar metáforas ao noticiar a morte de alguém. Histórias fantasiosas podem causar confusão e levam as crianças a acreditarem que a pessoa falecida retornará. Nesse processo, ser claro e trabalhar com a verdade torna-se essencial. Essa atitude ajudará a criança a compreender a morte e a lidar com o processo de luto de maneira saudável.

A seguir, procuraremos entender sobre o luto e o processo do luto na infância. Na sequência, buscaremos refletir sobre a inclusão do tema da morte no contexto escolar e na formação de professores, e, assim, iremos propor algumas sugestões assertivas que servirão de apoio para o pedagogo adequar a sua abordagem conforme a fase do desenvolvimento cognitivo da criança.

## **2 LUTO**

O luto é o momento em que os seres humanos demonstram suas emoções quando vivem a experiência de perda de algo ou de alguém que seja significativo em sua vida. Corroborando com este pensamento, Parkes afirma que “o luto é, afinal, uma resposta normal para um estresse que, embora raro na vida de cada um de nós, será vivido pela maioria, mais cedo ou mais tarde, sem que seja considerado uma doença mental” (PARKES, 1998, p. 15).

Segundo Soares (2021), as interpretações feitas sobre o luto não são iguais. Em seu estudo, a autora destaca que, na cultura ocidental, a morte é vista como uma manifestação de pesar, como algo que acabou, enquanto, na cultura oriental, a vida continua, ou seja, eles não consideram esse

fenômeno como uma perda ou como um fim. Dessa forma, torna-se importante pontuar que o processo de enfrentamento do luto, além de tabu, é cultural. Como mencionado, no Ocidente o processo do luto é vivido de uma maneira mais delicada, e falar sobre o assunto gera inquietações, por isso evita-se o tema entre adultos e crianças. Assim, nota-se que ele não é inserido no contexto educacional.

De acordo com Olinto (1993), o luto pode ser uma experiência de perda vivenciada de várias formas, seja pelo término de um relacionamento, seja devido a perdas de bens materiais, perdas financeiras, mudanças na posição social ou pela perda mais complexa, que é a perda de um ente querido.

A morte como perda nos fala em primeiro lugar de um vínculo que se rompe, de forma irreversível, sobretudo quando ocorre perda real e concreta. Nesta representação de morte estão envolvidas duas pessoas: uma que é "perdida" e a outra que lamenta esta falta, um pedaço de si que se foi. O outro é em parte internalizado nas memórias e lembranças, na situação de luto elaborado. A morte como perda evoca sentimentos fortes, pode ser então chamada de "morte sentimento" e é vivida por todos nós (KOVÁCS, 1992, p. 150).

Ao discutir a temática do luto, muitas pessoas associam o tema aos estágios definidos pela autora Elisabeth Kübler-Ross (1996). No entanto, é importante esclarecer que, em seu livro “Sobre a Morte e o Morrer”, esses estágios são descritos com base nas experiências dos pacientes moribundos ao lidarem com o processo de morrer. Segundo a autora, eles são definidos pelo estágio da negação e isolamento, raiva, barganha, depressão e aceitação. Apesar desses estágios serem reconhecidos por muitos autores, eles não devem ser considerados como uma regra a ser vivenciada por todas as pessoas enlutadas, visto que cada pessoa vive o luto à sua maneira. Contudo, podem servir como uma ferramenta de compreensão que ajuda a identificar em qual estágio do luto a pessoa se encontra.

Assim, de acordo com a definição de Oliveira e Lopes (2008), o processo do luto passa a ser uma fase complexa, onde envolve uma série de sentimentos em relação à perda. As pessoas enlutadas passam por todo o processo, desde a fase de aceitação definitiva até a fase em que conseguem encontrar outras maneiras para reconstruir suas vidas após a perda.

“À medida que o enlutado começa a fazer novos envolvimento, emerge a esperança de continuar a viver. É possível perceber que, embora a pessoa que morreu jamais virá a ser esquecida, a vida pode e deve continuar a ser vivida” (FRANCO, s/d).

Compreende-se então, que até que seja elaborado, o luto na pessoa adulta e na criança vai envolver emoções difíceis e desagradáveis, como a raiva, a tristeza, a confusão, entre tantos outros sentimentos. Cada pessoa, de forma individual, vivenciará ao longo de suas vidas suas experiências de perdas de maneira única.

## 2.1 O PROCESSO DO LUTO NA INFÂNCIA

Ao abordar o assunto, Kovács (2020) destaca que o luto é uma experiência universal e tem seu início no desenvolvimento infantil. Entende-se que é nesta fase que as crianças aprendem que a morte é um fenômeno que não pode ser revertido, ou seja, aquele que morreu não pode voltar a viver.

Brun (2003), por sua vez, esclarece que o processo do luto para as crianças é uma maneira importante pela qual elas começam a entender a morte. A autora descreve que, quando a criança vivencia o luto através de sua própria experiência de perda ou através da perda de alguém próximo, ela automaticamente está lidando com a perda de uma parte de si mesma.

Ao aprofundar o estudo sobre esse tema, teoricamente percebeu-se que existem vários tipos de luto que servirão de base para este capítulo. É importante esclarecer que a escola pode se deparar com diversos tipos de luto, mas, neste capítulo, abordaremos especificamente o luto relacionado à morte. Aqui, os principais tipos incluem o luto pela perda de entes queridos, decorrentes de mortes inesperadas e situações trágicas, e o luto pela perda de familiares.

O luto pela perda de pessoas próximas, como membros da família, mexe com a estrutura emocional e familiar dos seres humanos, visto que esse processo pode provocar emoções intensas pela perda de entes queridos.

Segundo Worden (2013), as mortes decorrentes de situações violentas, como mortes inesperadas causadas por acidentes, suicídios ou homicídios, podem resultar em luto complicado. As perdas decorrentes de situações como suicídio, por exemplo, causam no enlutado sobrevivente mudanças de comportamento e sentimentos de vergonha, raiva e culpa, pois eles se sentem abandonados por aqueles que partiram e passam a pensar que poderiam ter feito algo para evitar que a situação acontecesse.

Com base nessa perspectiva, Franco e Mazon (2007) afirmam que, na vida de uma criança, o luto pela perda de um de seus pais causa um impacto significativo. Além de causar mudanças na

vida cotidiana, a perda por morte também mexe com suas estruturas emocionais. Quando vivenciam essas experiências, as crianças se veem diante de outra realidade, pois aquela pessoa que lhes oferecia apoio e segurança não se faz mais presente fisicamente.

Ao abordarem o luto infantil, as autoras Franco e Mazorra (2007) ressaltam que os adultos devem oferecer ambientes acolhedores, aspectos essenciais e facilitadores desse processo. Para Paiva (2011), a orientação, além de fazer parte do ambiente familiar, deve envolver o ambiente escolar. A autora afirma que ambos desempenham papéis fundamentais na vida da criança e que, em momentos de luto, a escola pode ser um ambiente que ofereça orientação e apoio aos familiares.

Além de pontuar os fatores facilitadores, as autoras Franco e Mazorra (2007) também mencionam pontos que podem dificultar o processo do luto infantil. Esses pontos incluem a falta de comunicação aberta, o não compartilhamento das emoções e o tabu associado ao tema no ambiente familiar. Partindo dessa perspectiva, enfatizamos a relevância do tema no ambiente escolar, o que pode levar os professores a transformarem os fatores dificultadores em momentos de escuta, discussão sobre o tema e aprendizagem.

Segundo Worden (2013), as crianças, assim como os adultos, também vivenciam a experiência do luto. Para o autor, é fundamental que, nesse processo, elas tenham a liberdade de vivenciar essa experiência à sua própria maneira, sem a obrigação de seguir um padrão de luto. O conhecimento e entendimento que uma criança terá sobre o assunto dependerá de sua idade, da fase do desenvolvimento cognitivo e emocional em que se encontra e do ambiente, que poderá ser facilitador ou dificultador durante o processo.

A teoria de Kübler-Ross (1996) se concentra nos estágios do luto, e é válido reconhecer que essa abordagem foi desenvolvida a partir das experiências de pacientes em fase terminal. Embora as crianças enfrentem o luto de maneira diferente dos adultos em termos de vivências, experiências e desenvolvimento cognitivo e emocional, os estágios descritos oferecem informações significativas e ajudam a entender como as crianças lidam com a perda.

Além dessa teoria, existem muitas outras que são utilizadas na Tanatologia. Neste estudo, será explorada a teoria do processo dual do luto. Esse processo considera o desenvolvimento cognitivo da criança, em que ela terá alguns momentos voltados para a perda e outros momentos voltados para a reorganização após a perda. Isso diz respeito ao momento em que a criança inicia a retomada da rotina e das atividades diárias.

Para um melhor entendimento dessas diferentes teorias, podemos aprofundar nossa compreensão sobre como as crianças lidam com o luto através das fases do desenvolvimento cognitivo. São nesses estágios que começamos a entender como as crianças passam a associar os acontecimentos da realidade, como a morte e o luto, por exemplo, com os conceitos de reversibilidade e irreversibilidade.

Entende-se que crianças com faixa etária entre 3 e 5 anos não compreendem a morte como algo definitivo; para elas, a morte é um fenômeno reversível, ou seja, morreu, mas pode voltar a viver. Na fase seguinte, entre 5 e 9 anos, as crianças começam a compreender a perda como algo irreversível, e, a partir dos 9 anos, elas passam a entender que a morte é uma experiência que todas as pessoas irão vivenciar, pois ela faz parte do ciclo dos seres vivos, como afirmam Kovács (1992), Torres (1999) e demais autores.

De acordo com Kovács (1992), ao falar sobre a perda com as crianças, é fundamental que os adultos excluam expressões fantasiosas sobre a morte e sejam sinceros. Durante esse processo, é crucial que estejam disponíveis para responder às perguntas feitas por elas. É importante oferecer espaço e liberdade para que chorem e expressem seus sentimentos, angústias e medos. Incentivar a participação em tarefas diárias faz parte da reorganização do ambiente, e propiciar momentos de conversa sobre a perda, além de ajudar a criança a compreender a morte, também a ajudará a elaborar sua perda.

Segundo Kovács (1992), o luto é finalizado quando a pessoa consegue se adaptar à vida sem a presença física de seu ente querido. Isso significa que, nas crianças, as lembranças daquele que se foi não causam sofrimento, mas sensações de tranquilidade e aceitação sobre a perda. Contudo, a autora enfatiza que “a criança pode simbolizar esta ausência/presença através de jogos e brincadeiras” (KOVÁCS, 1992, p. 50), ou seja, neste caso, elas podem expressar seus sentimentos através de atividades lúdicas.

### **3 A MORTE E O LUTO NO CONTEXTO ESCOLAR**

Conforme observado por Combinato e Queiroz (2006), a morte faz parte da vida de todos os seres vivos. Portanto, torna-se fundamental que todos, independentemente da idade, sejam adultos ou crianças, tenham conhecimento dos elementos que envolvem esse processo para compreender e elaborar o luto de maneira saudável.

A educação é entendida como desenvolvimento pessoal, aperfeiçoamento e cultivo do ser, que também pressupõe uma preparação para a morte, envolvendo comunicação, relacionamentos, perdas, situações-limite, como, por exemplo: fases do desenvolvimento, perda de pessoas significativas, doenças, acidentes, até o confronto com a própria morte (KOVÁCS, 2005, p. 485).

Essa perspectiva alinha-se à BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que, por meio das aprendizagens essenciais a serem desenvolvidas na educação básica, propõe que a unidade temática “vida e evolução” seja trabalhada nas escolas. Deste modo, compreende-se que o documento normativo contempla que o tema sobre a morte seja trabalhado com os estudantes, pois ao abordar essa temática, a BNCC “propõe o estudo de questões relacionadas aos seres vivos (incluindo os seres humanos)” (BRASIL, 2017, p. 326). No entanto, entende-se que essas questões englobam a educação e o conhecimento de assuntos referentes à vida e à morte.

Segundo Dessen e Polonia (2007), as famílias e as instituições escolares são ambientes essenciais para o desenvolvimento intelectual, emocional e social das crianças. O ambiente escolar oferece oportunidades de interação, convivência, conhecimento e ensino-aprendizagem. As famílias, por sua vez, desempenham o papel de transmitir conhecimentos culturais, sociais e aprendizagens. Portanto, entende-se que ambos fazem parte do desenvolvimento integral das crianças e contribuem com conhecimentos fundamentais sobre a vida.

Além das perdas por morte, existem perdas simbólicas que fazem parte do crescimento das crianças e ocasionam o luto. Essas experiências podem ocorrer no ambiente escolar, como uma mudança de série ou de professor, como menciona Paiva (2011). A autora ainda afirma que, apesar dessas situações simbólicas não serem consideradas como uma morte real, elas provocam nas crianças um luto com reações iguais ou parecidas ao luto por morte. Essas reações podem manifestar-se através de emoções como medo, tristeza, raiva, ansiedade e choro, como apontam Soares e Mautoni (2013). Percebe-se, desse modo, a importância do conhecimento no contexto educacional.

É fundamental levar em conta o nível de desenvolvimento cognitivo das crianças para cuidar daquelas que viveram situações de perda e morte. O educador pode ter o papel de cuidador na escola, complementando o da família. Este papel é ainda mais importante quando pais estão abalados pelas perdas vividas e não conseguem cuidar dos filhos. Professores, pela convivência diária com as crianças, têm conhecimento de suas reações e atitudes e podem ser referência para elas neste momento de sofrimento e dor (KOVÁCS, 2012, p. 76).



Deste modo, ao considerar os estágios do desenvolvimento cognitivo, Soares e Mautoni (2013) afirmam que as perdas devem ser explicadas para as crianças de maneira honesta e verdadeira. Ao falar sobre o tema, os adultos devem respeitar as etapas e fornecer informações de modo que as crianças consigam entender o assunto. Nesse sentido, Mazorra (s/d) acrescenta que, conforme crescem e adquirem experiências de vida, os conhecimentos prévios a respeito do tema evoluem e se modificam.

As crianças podem manifestar os sentimentos e dúvidas de diversas maneiras, incluindo estratégias de comunicação verbal e não verbal, como menciona Paiva (2011, p. 41).

Em relação às indagações da criança a respeito da morte, é importante deixá-la fazer perguntas ou manifestar-se por meio de gestos ou brincadeiras. A criança pode expressar sua curiosidade e seu sofrimento não só pela linguagem verbal (palavras), mas também por uma linguagem não verbal (jogos, gestos, desenhos...).

Assim, é possível compreender que elas podem expressar seus sentimentos através da brincadeira simbólica. Essas formas não verbais de comunicação adotadas pelas crianças também podem ser tão significativas quanto uma conversa desenvolvida verbalmente. Soares e Mautoni (2013), além de destacarem a importância de as instituições escolares dialogarem sobre a temática com as crianças, afirmam que as escolas devem estar cientes das experiências de perdas de seus alunos. As autoras ainda afirmam que o ambiente deve abrir espaço para o diálogo e apoio.

Educadores precisam entrar em contato com sua visão de morte, seus processos de luto, já que exercem influência significativa em seus alunos, atentos às suas palavras e ações. É importante haver espaço para emoções e sentimentos, favorecendo a comunicação (KOVÁCS, 2012, p. 75).

Além dos argumentos embasados ao longo do texto, ressaltamos que as instituições de ensino devem promover informação, reflexão, escuta e acolhimento para as crianças enlutadas. Pois, ao reconhecerem a importância dessas atitudes, os profissionais ensinarão para a comunidade escolar que o ambiente educacional é um lugar seguro, confiável e que pode oferecer apoio em momentos delicados. Conforme destacado anteriormente, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) enfatiza a importância de abordar a temática “vida e evolução” com os alunos do ensino fundamental. Em objetos do conhecimento, este tópico visa estudar os seres vivos no ambiente e tem como objetivo “descrever características de plantas e animais (tamanho, forma, cor, fase da

vida, local onde se desenvolvem etc.) que fazem parte de seu cotidiano e relacioná-las ao ambiente em que eles vivem.” (BRASIL, 2017, p. 335).

Diante do exposto, é possível observar que os educadores têm a oportunidade de explorar o tema da morte de maneira sensível e educativa nas disciplinas de ciências e história, através de atividades que abordem o ciclo de vida e as práticas culturais sobre o tema. Os educadores poderão usar como exemplo uma atividade que envolva a germinação do feijão. Através desta atividade, os alunos participarão do cultivo, e, além de estarem aprendendo sobre o ciclo de vida da natureza, serão favorecidos com um momento para observar, compreender, fazer perguntas e visualizar as transformações que ocorrerão ao longo do cultivo. Deste modo, entende-se que os professores trabalharão o conceito da universalidade, que tem como compreensão ressaltar que todos os seres vivos nascem e morrem.

Portanto, pode-se refletir que ao inserir o tema nas atividades, os professores não somente atenderão à recomendação do documento normativo, como contemplarão a relevância do tema no ambiente escolar. Observa-se nos estudos que, além das dificuldades dos pais, os profissionais da saúde e os professores também mencionam que precisam de preparo para lidar com as situações que cercam o tema. Corroborando com essa afirmação, Kovács (2005) e Paiva (2011) destacam em suas pesquisas que os professores não trabalham a temática em sala de aula devido ao tabu, ao despreparo do professor e à dificuldade de falar sobre o tema. Contudo, entende-se que a evitação do assunto acontece porque os educadores não têm recebido orientações e informações específicas sobre o tema nos cursos de formação acadêmica.

Ao enfatizar a relevância da abordagem do tema no ambiente escolar, Kovács (2005, p. 488) sugere que a escola deve “preparar atividades pedagógicas sobre o tema da morte, lidar com crianças e adolescentes que possam estar passando por situações de perda e luto e propor bibliografia para subsidiar a formação dos professores nesse assunto específico”. Essa mesma autora reconhece que a educação para a morte, além de preparar para o desenvolvimento pessoal, também prepara para a compreensão e aceitação da finitude da vida.

Observando o documento normativo e os argumentos apontados pelos autores mencionados ao longo do texto, destaca-se a importância da inclusão do tema no ambiente escolar. Nesse sentido, a fim de evitar abordagens inadequadas por parte dos professores, propõe-se recorrer à obra “A arte de falar da morte para crianças”, da autora Paiva (2011), que em seu estudo com educadores menciona 36 livros relevantes para abordagem do tema. Através da biblioterapia, Paiva (2011)

recomenda o uso da literatura infantil como recurso de apoio para os pedagogos trabalharem o tema. E, ao reconhecer a importância dos livros, a autora afirma que:

A biblioterapia não deve ser vista como uma fórmula mágica ou como intervenção única para promoção de mudanças, mas sim como uma ferramenta terapêutica que faz parte de um processo. Para garantir a eficiência da biblioterapia, o agente terapeuta deve fazer cuidadosa seleção dos livros que abordam tópicos e eventos apropriados para as necessidades emocionais do sujeito (HEATH et al., 2005 apud PAIVA, 2011, p. 86).

Neste sentido, torna-se importante que os pedagogos busquem informações e conhecimentos que sejam essenciais e significativos para inserir e abordar a temática na escola. Neste estudo, para a escolha dos livros, a autora afirma que usou como referência o estudo de Torres (1999), sobre os estágios do desenvolvimento, e pontua que os livros podem ser usados com as crianças da educação infantil e do ensino fundamental (anos iniciais).

A seguir, a Tabela 1 apresenta como recurso lúdico alguns livros infantis mencionados na obra de Paiva (2011).

**Tabela 1** – Livros

<b>Categoria</b>	<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Descrição</b>
Morte de animais de estimação	Os Porquês do Coração	Conceil Corrêa da Silva; Ny e Ribeiro Silva	O livro aborda a perda do peixinho de estimação de Mabel que entende que após morrer o peixinho continua a nadar em seu coração
Morte de animais de estimação	Quando seu Animal de Estimação Morre Manual de Ajuda para crianças	Victoria Ryan	O livro fala sobre os motivos que levam as crianças a ficar sem o animal de estimação e reforça a importância de pedir ajuda e se expressar
Avós	Por que Vovó Morreu?	Trudy Madler	O livro conta a história da morte da avó que cuidava de dois netos, para ajudar a entender o que aconteceu o pai convida a filha para um passeio e lhe explica sobre a morte
Pai	A Montanha Encantada dos Gansos Selvagen	Rubem Alves	O livro conta a história do pai ganso que ficou velho e morre, o livro finaliza falando que após o acontecimento os gansos conversam sobre a saudade e seguem com a vida
Mãe	Não é Fácil, Pequeno Esquilo	Elisa Ramon	O livro fala sobre a morte e sobre os sentimentos que o pequeno esquilo sente com a ausência da mãe

Ciclo da vida	A História de uma Folha — Uma Fábula para Todas as Idades	Leo Buscaglia	O livro fala sobre a morte de uma folha e através disso explica o ciclo de vida dos seres vivos
Ciclo da vida	Tempos de Vida — Uma Bela Maneira de Explicar a Vida e a Morte às Crianças	Bryan Mellonie e Robert Ingpen	O livro fala sobre os ciclos de vida. E explica como ela acontece com cada tipo de ser vivo
Explicativos	Ficar Triste Não é Ruim — Como uma Criança Pode Enfrentar uma Situação de Perda	Michaelene Mundy	O livro aborda o tema de como enfrentar a morte de alguém importante e afirma que o choro é uma forma de expressar a tristeza
Interativos	Quando Alguém Muito Especial Morre — As Crianças Podem Aprender a Lidar com a Tristeza	Marge Heegaard	O livro oferece conceitos básicos sobre a morte e dá dicas de como lidar com os sentimentos
Interativos	Conversando sobre a Morte — Para Colorir e Aprender	Carla Luciano Codani Hisatugo	O livro explica sobre a morte e aborda o processo do luto
Outros	Um Dente de Leite, um Saco de Ossinhos	Nilma Gonçalves Lacerda	O livro mostra que ter medo da morte faz parte das crianças e faz um convite para que as crianças os enfrentem

Fonte: as autoras (2023)

Diante disso, é possível observar que os livros mencionados pela autora falam sobre o tema da morte em diversas categorias, ambientes e situações. Ressalta-se que, além das estratégias verbais e não verbais de comunicação citadas neste capítulo, a inclusão da literatura, rodas de conversa, jogos, filmes, desenhos e brincadeiras no ambiente familiar e escolar torna-se fundamental no processo de elaboração do luto e na inserção do tema no cotidiano das crianças.

Considerando as diversas categorias e experiências vividas pelas crianças, a tabela apresentada mostra que a literatura infantil pode ser um recurso de apoio essencial para os pedagogos durante a inclusão do assunto na escola, pois as histórias falam sobre diversas perdas. Dessa forma, propiciarão momentos de conversa em que as crianças terão a oportunidade de entender, compreender e elaborar sua perda. Paiva (2011), além de mencionar que a biblioterapia é uma ferramenta importante para a intervenção do tema, também reforça que os educadores devem

ser preparados. Por isso, enfatiza-se a necessidade de formação e conhecimento contínuo para pedagogos, pais e a comunidade escolar.

Dito isso, compreende-se que as instituições escolares devem abordar o tema com sensibilidade e podem aproveitar os momentos de roda de conversa para propor diálogos sobre o tema, fazer reflexões, se mostrar disponíveis para escutar, bem como oferecer espaços onde a criança enlutada possa significar, expressar, externalizar, concretizar e representar seu luto, sob orientação e condução de um pedagogo preparado para lidar com essa realidade no contexto escolar.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa adotou uma abordagem mista, contemplando tanto a pesquisa bibliográfica quanto a investigação local. A metodologia utilizada, a partir de uma revisão bibliográfica, compreendeu a apresentação de uma visão geral sobre a abordagem da morte e do luto no contexto escolar, dando ênfase à necessidade de formação e orientação para acadêmicos do curso de Pedagogia.

De acordo com Boccato (2006, p. 266):

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica.

Para alcançar tais objetivos, realizou-se um levantamento bibliográfico na base de dados SciELO. Ao utilizar como descritores “morte”, “luto infantil” e “escola”, obteve-se como resultado 328 artigos, mas, para este trabalho, foram utilizados 16 artigos em português com informações atualizadas sobre o tema abordado na pesquisa. Além disso, foram consultados livros, teses e sites de autores referência na temática abordada.

Com o objetivo de realizar uma pesquisa de opinião com os alunos do curso de Pedagogia a respeito do tema "morte e luto", utilizou-se para investigação local as plataformas online *Google Forms* e *Mentimeter*. No *Google Forms*, foi criado um questionário contendo três perguntas. A primeira tinha como opção a resposta de múltipla escolha, a segunda era uma pergunta dissertativa,

que tinha como objetivo analisar o modo e a disciplina em que o assunto foi abordado no curso, e a terceira pergunta, através de um link fornecido, direcionava os alunos para a plataforma *Mentimeter*, onde, com base nas respostas, o site criaria uma nuvem de palavras. O link da pesquisa de opinião foi enviado pela plataforma *WhatsApp* e encaminhado para 36 alunos. Através dessa pesquisa, buscou-se verificar entre os acadêmicos como os temas ligados à morte e luto têm sido abordados ao longo da graduação.

Além dessas abordagens, foi realizada uma consulta no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e na ementa do curso. Essa consulta teve como intuito observar se os planos de ensino mencionam em alguma disciplina o tema da morte como conteúdo.

A abordagem mista compreendeu explorar tanto as contribuições teóricas quanto as informações práticas levantadas pelos alunos participantes da pesquisa. A temática abordada neste artigo é ampla e essencial para o desenvolvimento humano. Assim, ressaltamos que ela não se esgota nesta pesquisa. Portanto, compreende-se que as duas perspectivas adotadas para a realização do trabalho buscam demonstrar o impacto da abordagem da morte e do luto no contexto educacional.

## **5 RESULTADOS**

De acordo com o levantamento bibliográfico feito neste artigo, o resultado obtido compreende ressaltar que a educação para a morte é um tema crucial tanto para as crianças quanto para os adultos. Essa educação, além de ajudar os seres humanos a entender os ciclos da vida, também os ajuda a compreender os aspectos que envolvem o tema.

Em 2020, pessoas do mundo todo vivenciaram a pandemia de COVID-19. Somente no Brasil foram contabilizados milhares de óbitos decorrentes do vírus (BRASIL, 2023). Durante o período de distanciamento social, foi possível observar que tanto os adultos quanto as crianças passaram por diversas perdas e por variados tipos de luto, dentre eles o luto pelo isolamento social, pelo rompimento da rotina de ir e vir da escola, o luto pela saudade dos amigos, dos professores, dos familiares e o luto por morte de pessoas importantes e entes queridos.

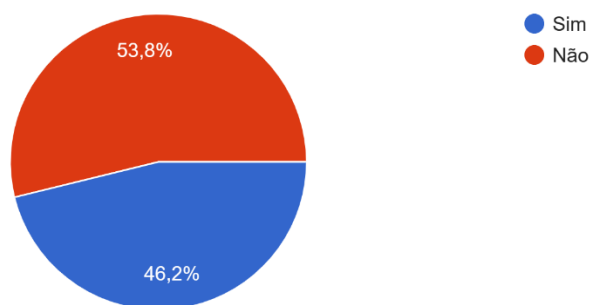
Apesar de ter sido um acontecimento inesperado, a pandemia deixou explícita a importância de abordar e a necessidade de antecipar o tema com as crianças. No entanto, Kovács (1992) e Paiva

(2011) argumentam que, devido ao tabu cultural e ao medo de falar sobre o tema, os adultos passaram a ignorar e a evitar o assunto perto das crianças.

Diante disso, Kovács (2005) afirma que a educação para a morte deve ser inserida em diversos ambientes, incluindo famílias, escolas, a formação de profissionais de saúde e educação, entre outros. Torna-se importante abordar a temática nesses ambientes de maneira esclarecedora e verdadeira.

Nas escolas, essa necessidade engloba todas as etapas da educação básica. No entanto, ao analisar o documento que norteia os currículos escolares, foi observado que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) inclui o tema da morte na disciplina de Ensino Religioso somente nos 4º, 5º, 8º e 9º anos do ensino fundamental (BRASIL, 2017). Isso leva a refletir que, somente nessas séries, as crianças são consideradas capazes de compreender a temática. Entretanto, conforme destacado anteriormente nos estudos de Torres (1999) sobre o desenvolvimento cognitivo e o conceito de morte na criança, foi possível observar que as crianças possuem um determinado entendimento sobre a morte em cada etapa em que se encontram. Adicionalmente, reforçamos o argumento apresentado por Soares e Mautoni (2013), que ressaltam a importância de incluir as crianças nos assuntos que envolvem a temática. Segundo as autoras mencionadas, se o assunto for explicado com uma linguagem simples, as crianças conseguem entender o que está acontecendo.

Esses obstáculos podem ser observados no ambiente educacional primeiramente através da Base, que, apesar de definir um conjunto de aprendizagens essenciais, não enfatiza a necessidade de incluir a educação para a morte no início da vida acadêmica das crianças. Outro desafio encontrado nas pesquisas apresentadas por Kovács (2005; 2012) e Paiva (2011) tem como fator principal a falta de preparo dos professores para lidar com o tema e as situações decorrentes dele. Esse obstáculo pode ocorrer devido à falta de orientação e informação na formação de professores. Em vista dos argumentos mencionados no decorrer do texto e da existência dessa lacuna na formação de professores, além do levantamento bibliográfico, foi realizada uma pesquisa de opinião com alunos do curso de Pedagogia com o objetivo de analisar se o tema da morte faz parte do currículo do curso, conforme apresentado no Gráfico 1.

**Gráfico 1:** Inserção do tema nas disciplinas do curso de pedagogia

Fonte: questionário aplicado com os alunos do curso de pedagogia. Organizado pela própria autora (2023).

De acordo com os resultados apresentados, treze alunos fizeram parte da pesquisa. Observa-se que, do total, 53,8% dos participantes mencionaram que a temática não se faz presente nas aulas do curso de Pedagogia, e 46,2% responderam que o tema faz parte do currículo. No entanto, através da análise feita no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Pedagogia, foi possível verificar que o tema não consta na ementa de nenhuma disciplina.

Ao serem questionados sobre a disciplina e a forma como ocorreu a abordagem, os acadêmicos pontuaram que o tema não é abordado de maneira contextualizada, mas é discutido através de relatos mencionados durante a aula.

Com base nessas informações, um dos participantes relata que o tópico surgiu na disciplina de Matemática, onde uma professora comentou que seu aluno havia perdido a mãe e a escola estava tentando abordar a situação. Em seguida, outro aluno menciona a disciplina de Pedagogia Hospitalar, mas não fornece detalhes sobre como o assunto foi tratado. Um dos participantes pontua que o assunto foi introduzido em sala de aula, mas não especifica a disciplina nem como aconteceu essa abordagem. Por último, a disciplina de Sociologia da Educação é mencionada várias vezes, mas as respostas indicam que o assunto foi abordado de maneira breve e destacam que dificilmente o tema é trabalhado em aula.

Apesar da investigação local ter sido uma pequena amostra, percebe-se, na fala dos alunos, que existe uma carência de orientações e informações na formação de professores. Isso leva à reflexão de que o tema precisa ser aprofundado em sala de aula com os alunos.

Embora a pesquisa demonstre a ausência de uma disciplina específica para falar sobre a temática, entende-se que, assim como as escolas têm a chance de inserir o assunto nas disciplinas



de Ciências, História e Ensino Religioso, os docentes de ensino superior também têm a oportunidade de inseri-lo nas disciplinas curriculares de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem na Infância, abordando questões sobre o nascimento, crescimento, reprodução e morte; na disciplina de Ciências, trabalhando os ciclos de vida das plantas e dos animais; em Sociologia, refletindo sobre a consequência do luto para a sociedade; em Psicologia da Educação, Pedagogia Hospitalar, História e em qualquer disciplina que trabalhe o lúdico e a simbolização.

Ao fazer a reflexão sobre as palavras ou conceitos associados à importância do tema da morte nas escolas e à elaboração do luto infantil na formação do pedagogo, é possível perceber que, por meio da criação de uma nuvem de ideias, os alunos reconhecem a importância deste tema no ambiente escolar e na formação do pedagogo, conforme Imagem 1.

**Imagem 1:** Relevância do tema no ambiente educacional



Fonte: nuvem de palavras feito com os alunos do curso de pedagogia. Organizado pela própria autora (2023).

Para os acadêmicos, a relevância do tema deve envolver empatia, aconselhamento, apoio, cuidado ao falar, comunicação e educação para a vida, entre muitos outros termos. Dessa forma, compreende-se que, ao reconhecer a educação para a morte, percebemos que ela, além de ajudar os alunos a compreender as questões que envolvem a vida e as perdas, também capacita os pedagogos para lidar com situações de luto em sala de aula. Além disso, ajuda a transformar o ambiente escolar em um espaço empático, onde haja acolhimento, escuta, aprendizado e reflexões sobre temas tão presentes e pertinentes à vida humana.

## 6 DISCUSSÃO

Os estudos apresentados neste artigo mostram ideias e percepções de diferentes autores em relação à importância da educação para a morte e o luto infantil nas escolas e nos cursos de pedagogia.

Ao fazer uma análise nas obras, é possível observar que as autoras Kovács (1992), Paiva (2011) e Torres (1999), concordam que o tema é essencial tanto na infância quanto na formação de profissionais. Contudo, cada autor citado enfatiza essa inclusão à sua maneira.

Enquanto Kovács (1992) e Paiva (2011) apontam que o tema deve ser abordado em diferentes espaços, Torres (1999) chama atenção para a compreensão do tema no desenvolvimento cognitivo das crianças. Entende-se que é importante que os profissionais sejam preparados e compreendam o modo como as crianças entendem o conceito de morte nos diferentes estágios.

Como mencionado anteriormente, a pandemia de COVID-19 suscitou a necessidade de incluir a educação para morte nos ambientes escolares, pois é através dessa educação e das instruções recebidas que os professores irão conseguir ensinar e oferecer apoio para crianças que enfrentaram e enfrentam os mais diversos tipos de perdas.

Compreende-se destacar que os argumentos e as propostas feitas pelos autores são relevantes para a educação atual. Durante o período pandêmico, as crianças vivenciaram os mais diversos tipos de luto, tais como: o luto pela educação ao ter de mudar o ensino presencial para o ensino remoto, o luto pela saúde mental devido ao isolamento social, ao medo e às incertezas; o luto no estilo de vida, na rotina; além de outros que despertaram reações e emoções parecidas ao luto por morte. A pandemia ressaltou e deixa evidente a importância e a necessidade de preparar os pedagogos para lidar com as situações de luto.

Os resultados deste estudo corroboram com as afirmações de Kovács (1992) e Paiva (2011) sobre a falta de conhecimento e o despreparo dos professores. No entanto, o documento normativo e os argumentos apontados pelos participantes da pesquisa sobre a falta de orientação específica indicam a existência de lacunas tanto no curso de pedagogia da faculdade pesquisada, quanto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que menciona a implementação do assunto somente no final do Ciclo um (1) e no início do Ciclo dois (2) do Ensino Fundamental. Desse modo, é possível notar que esses obstáculos contribuem com a omissão e evitação do assunto no contexto escolar.

Ao verificar a percepção dos estudantes sobre a ausência da temática no currículo do curso, nota-se que que o presente estudo contribui com a discussão do tema. Ao analisar o PPC e a ementa do curso, verificou-se que a abordagem atual da instituição não inclui em suas disciplinas o tema da morte e do luto. Por fim, através das obras, dos resultados e dos estudos analisados, compreende-se ressaltar a importância de se abordar nas escolas e nas faculdades o tema da morte, do luto e todos os aspectos que os incluem.

## **7 IMPLICAÇÕES E APLICAÇÕES PARA A ÁREA DE FORMAÇÃO**

Com base nos estudos lidos e nos resultados apresentados, as implicações incluem a integração curricular, treinamentos de professores e a inclusão do tema nos cursos de formação. Compreende-se destacar que, através dessas implicações e dos resultados apontados nos estudos de Torres (1999), o tema da morte e do luto pode ser abordado em diferentes faixas etárias. Assim, as crianças serão familiarizadas com o tema, como acontecia na antiguidade. Desse modo, as instituições escolares promoverão um ambiente escolar mais inclusivo e, com o apoio das famílias, contribuirão para o desenvolvimento da empatia, da compreensão da vida, dos ciclos, das perdas e dos relacionamentos saudáveis.

Para promover uma abordagem mais sensível e eficaz do tema nas escolas, sugere-se a implementação de propostas práticas, como os programas de apoio, onde atuem profissionais preparados e capacitados para lidar com as situações de luto. Propõe-se também que sejam desenvolvidos materiais didáticos e recursos que sirvam de apoio para o pedagogo ao abordar o tema de maneira lúdica. Além disso, sugere-se a revisão na ementa curricular para que, através desse estudo, seja considerado a inserção do tema no início da graduação dos pedagogos, afim de prepará-los para lidar com os temas que envolvam a vida e a morte.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo buscou ressaltar a importância de incluir o tema da morte e do luto nas escolas com sensibilidade e eficácia. Logo no início, destacamos que tanto as crianças quanto os adultos participavam dos momentos de despedidas daqueles que logo partiriam. No entanto, autores renomados e referência na temática pontuaram que, devido às transformações culturais, essas

práticas foram se modificando e, assim, as crianças passaram a não participar e nem ter informações dos assuntos que envolvem a morte.

Mas, como argumentado, as crianças também passam por perdas e, conseqüentemente, vivenciam o luto. Nelas, esse processo aguça sentimentos como raiva, choro, tristeza, saudade, isolamento, entre muitos outros. Compreendemos então que esses comportamentos podem manifestar-se em diferentes locais, dentre eles a sala de aula. Por isso, torna-se importante que os professores tenham preparo e conhecimento para lidar com o tema, pois, ao identificar no aluno uma mudança de comportamento devido a uma perda, os professores poderão intervir e assim ajudar esse aluno enlutado a entender e compreender o que aconteceu.

Embora as obras revisadas apresentem uma base com informações importantes para entender sobre a educação para a morte, é crucial reconhecer as limitações observadas, como a falta de representação dos alunos na pesquisa realizada. Desse modo, observa-se que essa limitação sugere a realização de pesquisas futuras em que possam incluir amostras mais amplas e diversificadas, tais como a inclusão de pedagogos formados juntamente com os pedagogos em formação.

**APÊNDICE – Perguntas feitas aos alunos do curso**

1- Durante a graduação, o tema da morte foi abordado nas disciplinas do curso de pedagogia?

Sim

Não

2- Se a resposta da pergunta anterior foi sim, em qual disciplina e como ocorreu essa abordagem?

3- Iremos fazer uma nuvem de palavras, por isso precisamos que responda a seguinte pergunta: “quais palavras ou conceitos você associa à importância do tema da morte nas escolas e à elaboração do luto infantil na formação do pedagogo?”

Clique no link: <https://www.menti.com/alstx9jfepge>, e deixe sua sugestão.

## REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. [Ed. especial]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BAYLY, Joseph. **Enfrentando a morte**. Como confortar e orientar uma pessoa que está de luto. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1981.
- BOCCATO, Vera Regina Casari. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **In: Revista de Odontologia da Universidade da Cidade de São Paulo**, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 30/10/2023.
- BRASIL. COVID19. Painel Coronavírus. 2023. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 01/11/2023.
- BRUN, Danièle. A relação da criança com a morte: paradoxos de um sofrimento. **In: Psychê Revista de Psicanálise**, v. 7, n. 12, p. 13-25, dez. 2003.
- COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIROZ, Marcos de Souza. Morte: uma visão psicossocial. **In: Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 11, n. 2, ago. 2006
- DESSEN, M. A.; POLONIA, A. DA C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **In: Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 17, n. 36, p. 21–32, 2007.
- FLORES, Dara Maria Martins S. **O luto infantil e a educação para a morte no contexto escolar**. Graduação em Pedagogia: Docência e Gestão Educacional, Departamento de Pedagogia - Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, UNICENTRO, Campus Santa Cruz, 2019, 28 p.
- FRANCO, Maria Helena P. **A dor da perda**. Quatro Estações Instituto de Psicologia, [s/d]. Disponível em: <https://www.4estacoes.com>. Acesso em 15/09/2023.
- FRANCO, Maria Helena Pereira; MAZORRA, Luciana. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. **In: Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 24, n. 4, p. 503-511, 2007.
- GRESSLER, Gisele. A morte e o luto para crianças – virar uma estrela. In: ANDRIATTE, Aparecida M; GRESSLER, Gisele. (org.). **Conversando sobre o luto com adultos e crianças: a ciranda do morrer/viver**. 1ª. ed. Curitiba: Appris, 2017.
- GUANDALINI, Felipe C. **As transformações da relação do homem com a morte**. Curso de Especialização em Psicologia Analítica – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2010, 24 p.

JÚNIOR, Oswaldo Giacoia. A visão da morte ao longo do tempo. **In: Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 38, n. 1, p. 13-19, 2005.

KAPPEL, Aline dos Santos. Luto infantil: um estudo através das representações. **In: Maiêutica Curso de Pedagogia**, v. 2, n. 1, p. 41-50, 2013.

KOVÁCS, Maria Julia. Educadores e a morte. **In: Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, n. 1, p. 71-81, 2012.

KOVÁCS, M. J. Educação para a morte. **In: Psicologia Ciência e Profissão**, v. 25, n. 3, p. 484-497, 2005.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KOVÁCS, Maria Júlia. Prefácio. In: CASELLATO, Gabriela (org). **Luto por perdas não legitimadas na atualidade**. São Paulo: Summus Editorial, 2020.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LIMA, Vanessa Rodrigues de; KOVÁCS, Maria Julia. Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. **In: Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 2, p. 390-405, 2011.

MAZORRA, Luciana. Criança e luto: entrevista com dra. Luciana Mazorra. Quatro Estações Instituto de Psicologia, [s/d]. Disponível em: <https://www.4estacoes.com>. Acesso em 30/10/2023.

OLINTO, Rubem. **Luto: uma dor perdida no tempo**. São Paulo: Editora Vinde, 1993.

OLIVEIRA, João Batista Alves de; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. O processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho. **In: Psicologia em estudo**, v. 13, n.2, p. 217-221, abr/jun. 2008.

PAIVA, Lucélia Elizabeth. **A arte de falar da morte para crianças: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2011. Edição digital.

PARKES, Colin Murray. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. São Paulo: Summus. 1998.

SOARES, Edirrah Gorett Bucar, MAUTONI, Maria Aparecida de Assis Gaudereto. **Conversando sobre o luto**. São Paulo: Ágora, 2013. p. 11.

SOARES, Glenda Leane Corteze. **A literatura e o cinema como recurso na elaboração do luto infantil**. Graduação em Psicologia – Faculdade de Educação e Meio Ambiente FAEMA, Ariquemes, 2021, 57 p.

TEIXEIRA, Anelise Lusser. **Morte e morrimentos: cartografando os (a[mor]te)cimentos do viver**. Tese de Doutorado em Psicologia – Departamento de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2016, 183 p.

TORRES, W. **A Criança Diante da Morte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

WORDEN, J. William. **Aconselhamento do luto e terapia do luto: um manual para profissionais de saúde mental**. 4. ed. São Paulo: Roca, 2013.